

Uma pedagogia parada no tempo

Educação de 2º grau usa noções ultrapassadas e deixa de realizar uma autêntica formação dos jovens

HÉLIO SCHWARTSMAN
Editor de Opinião

Passados quase 10 anos de minha formatura e mais de 15 desde que concluí o segundo grau, aventurei-me, este ano, a prestar o vestibular da Fuvest. Foi uma excelente oportunidade para tentar pensar o que é, hoje, o segundo grau.

Eles estão todos loucos, foi o que pude concluir. Apesar de ter uma formação humanística, deveses de ofício e gosto me levam a manter-me minimamente atualizado com o que acontece no mundo das ciências.

Tudo o que cai no vestibular ou é superficial, ou errado ou inútil.

Tome-se a física como exemplo. No segundo grau, o mundo é newtoniano. "Mutatis mutandis", é como tentar aprender medicina a partir dos textos de Hipócrates. Sem querer depreciar o pai da medicina, cuja prosa muito admiro, é a melhor receita para levar o paciente à morte.

É evidente que não se pode compreender Einstein sem um mímino de Newton. Isso, porém, não justifica que se pare no tempo. O universo newtoniano, como é óbvio, dá conta de todos os problemas que um engenheiro ou um ele-

tricista têm de enfrentar aqui na Terra, mas também o modelo pto-lomaico (geocêntrico) permitia prever com precisão todos os fenômenos astronômicos. Aliás, dizer que a Terra gira em torno do Sol —dogma do segundo grau— é algo que também não faz muito sentido na física relativística.

Na química, então —aliás a divisão física e química é por si só discutível—, contam-se mentiras. Elétrons, prótons e nêutrons são partículas indivisíveis. Ué, onde estão os quarks, léptons, hártons? Se é para dizer mentiras, então sugiro voltarmos ao atomismo de Demócrito. Ele, ao menos, é mais

elegante.

Nas humanidades, então, o problema é talvez mais difícil de resolver. Num teste de múltipla escolha, ou se preparam questões absolutamente superficiais, nas quais uma única alternativa é inequivocamente correta, ou então a prova "toma partido" em favor de uma determinada corrente historiográfica ou de interpretação literária.

A biologia do secundário continua nas ervilhas de Mendel, enquanto milhares de cientistas estão literalmente brincando de deuses e criando novos seres.

É verdade que criticar é fácil. Concordo igualmente que não cabe

ao segundo grau —nem ao terceiro— formar polímatas que dominem todos os segredos do universo. Parece, contudo, ter havido uma inversão. O vestibular não está mais medindo aquilo que se considera uma formação adequada, mas está ele próprio pautando as escolas, que se transformaram em ninhos de exercícios de mecânica newtoniana e eletricidade que só interessam a engenheiros, militares, relojoeiros e eletricistas.

Por que não ensinar um pouco de cosmologia, por que não ministrar um bocadinho de epistemologia, para que se tenha idéia de como caminha a ciência?

Não pretendo aqui, nem tenho competência para tal, estabelecer o currículo do segundo grau, mas acho que ele deveria ao menos ser discutido com transparência para toda a sociedade. Assim eu não teria a sensação de ter perdido três anos de minha vida aprendendo a fazer exercícios de mecânica que, garanto, não me fizeram nenhuma falta durante 15 confortáveis anos.

A vida é curta e o saber é longo. Para não recair no erro do autodidata de Sartre, seria importante escolher melhor o que se deve ensinar e o que se deve aprender. A mecânica para os mecânicos, e, para os jovens, uma formação